

# Boicote o veganismo

## Direitos animais apenas começam com a tua dieta

---

*Uma tradução portuguesa: Boycott veganism – Animal rights only begins with your diet. Wayne Hsiung.*

---

### Índice

- Introdução – p. 1
- Mordida 1: Veganismo não salva vidas, nem reduz o sofrimento. – p. 2
- Mordida 2: Veganismo enquadra o debate dos direitos animais à favor de nossos oponentes. – p. 3
- Mordida 3: Veganismo confunde uma mensagem potencialmente forte. – p. 4
- Mordida 4: Veganismo sabota a formação de comunidades. – p. 5
- Mordida 5: Veganismo ignora nossas contribuições sociais e políticas à opressão das espécies. – p. 7
- Mordida 6: Veganismo como justiça social não possui evidência, nem teoria. – p. 9
- Sobremesa e Café – p. 12
- Notas – p. 13

### Introdução

*Ações, não palavras.*

– Emeline Pankhurst[1], fundadora da Women’s Social & Political Union, 1903

“Torne-se vegano.”

Todos nós ouvimos essas palavras incontáveis vezes.

A lógica por trás delas é simples. Animais não humanos, assim como animais humanos, possuem sentimentos de dor e prazer, vidas sociais e emocionais sofisticadas, e um anseio profundo por liberdade e bem estar. Em praticamente todas as características moralmente relevantes, são nossos iguais[2]. Mesmo assim bilhões desses indivíduos são torturados e mortos todos os anos para alimento, vestimenta, e pesquisa. O jeito óbvio de parar esse massacre, nos dizem, é “tornando-se vegano” – evitando carnes e laticínios, encontrando substitutos ao couro, etc. Quando convenceremos todo mundo a “tornar-se vegano”, de acordo com a visão convencional, a exploração animal institucional encerrará.

Mas essa lógica aparentemente simples é falha. O que ocorre é que o conceito de veganismo é *danoso* ao movimento dos direitos animais. E se você leva a sério a dedicação pela libertação animal, a primeira coisa que você deveria boicotar não é carne nem laticínios ou ovos. A primeira coisa que você deveria boicotar é... o veganismo.

Essa é uma declaração provocativa, então deixe-me esclarecer o que eu *não* estou dizendo. Primeiro, eu *não* estou dizendo que comer animais é ético. *Não* é ético, pelo mesmo motivo que o canibalismo humano não é ético. Segundo, eu *não* estou fazendo um comentário sobre a pureza vegana[3]. Por mais que seja verdade que vários veganos “nível 5” provavelmente sejam motivados por pureza pessoal ao invés de princípios éticos, estes que mantêm um estilo de vida mais restrito do que o resto (isto é, evitando bicicletas e carros por conta do ácido esteárico nas borrachas) como *parte* de uma ética liberacionista devem ser enaltecidos. Terceiro, eu *não* estou dizendo meramente que veganismo é uma palavra falha. É verdade, “veganismo” não seria problemático se fosse meramente uma descrição de dieta. Mas eu duvido que tal uso estrito do termo seria possível, dada a sua proeminência no movimento dos direitos animais.

Então, o que eu *estou* dizendo? Resumidamente, que *os direitos animais apenas começam com a tua dieta*. Opressão das espécies, como a opressão racial na era pré direitos civis [nos EUA], ou a opressão de gênero na era pré-feminista, permeia silenciosamente toda indústria, instituição, e norma cultural na nossa sociedade. Corrigir o problema é, pois, um projeto desafiador e amplo – exigindo mais criatividade, mais comprometimento, e mais militância do que o veganismo prevalecente hegemônico sugere. Se o movimento de libertação animal quer ter sucesso, deve ser um movimento de ação social e política, não apenas de palavras e dietas. E tensionar os agentes do movimento a fazer esse tipo de ação por princípios – não ao veganismo – que deve ser o objetivo principal.

Separemos essa ideia em várias partes menores.

---

### **Mordida 1: Veganismo não salva vidas, nem reduz o sofrimento.**

*Tivemos de destruir a vila para salvá-la.*

– Policial não identificado, Massacre de My Lai, 1968.

Ouvimos frequentemente que todo vegano pode esperar salvar centenas ou até mesmo milhares de animais em sua vida. Considerando literalmente, isso claramente é errado. Cada uma de nossas escolhas independentes de consumo tem praticamente nenhum impacto na agricultura animal. Claro, a não ser que você esteja comprando seus produtos de animais em produtores pequenos e locais, ninguém notará quando você “tornou-se vegano”. Hoje, animais são produzidos por corporações imensas em unidades industriais. É preciso milhares de consumidores para que uma pontada econômica só apareça no radar deles.

Você pode perguntar: “Não estamos ‘salvando vidas’ no agregado? Se 1% da população é vegana, isso não significa que 1% dos animais são resgatados da tortura e da morte?”. A resposta, novamente, é “não”. A curto prazo, a redução na demanda simplesmente abaixa o preço de mercadoria dos animais. Se há excesso de oferta, o “excesso de estoque” de animais não são liberados e nem recebem vidas felizes. Ao contrário, esses animais ainda são torturados e mortos, e provavelmente de forma ainda mais brutal, por exemplo, se são exportados para um mercado estrangeiro ou vendidos para comida de animais de estimação. A triste realidade é que um senhor de escravo não tem nenhuma motivação para

se importar com um escravizado inútil. Considere o que acontece com galinhas, por exemplo, após seu valor econômico acaba: enterradas ou queimadas vivas[4].

Claro, no longo prazo, é possível que menos animais sejam produzidos por conta do veganismo, já que senhores de escravos terão incentivos reduzidos para a produção[5]. Mas reduzir a procriação é inútil para salvar vidas ou aliviar o sofrimento. Em vez disso, simplesmente impede que animais venham a existir. Se acreditamos que o veganismo “salva vidas”, em bases existenciais, deveríamos dizer também que o governo chinês salvou vidas com esterilizações forçadas em seus cidadãos. Os bebês impedidos de nascer teriam morrido em algum momento, logicamente, e muitas vezes em condições horríveis.

A verdade é que uma vida que não existe não pode ser salva. E é um movimento de justiça social perverso aquele que se une à causa de estirpar a existência dos oprimidos da face da Terra. Considere: teriam os ativistas dos direitos civis [dos EUA] sugerido o despovoamento de minorias como solução à injustiça do racismo institucionalizado? Teriam os ativistas abolicionistas do século XIX sugerido reduzir a reprodução de escravizados, como uma solução ao problema da escravidão humana? Esse tipo de posição parece mais adequada aos opositores da justiça social do que seus apoiadores[6].

Uma consideração final: animais são mercantilizados, abusados, e mortos em todo lugar na nossa sociedade. Por exemplo, a agricultura vegetal envolve o uso e massacre de incontáveis animais na fertilização, aragem, consumo de energia, e deslocamento de habitat. A mundaça climática compete com agricultura animal em seu impacto provável nas vidas não-humanas, tanto quantitativamente quanto qualitativamente[7]. Veganismo como não-violência, portanto, é na melhor hipótese, um mito; e na pior, um engano coporativo mal-intencionado. Veganismo, mesmo efetivo, meramente troca um conjunto de vítimas abusadas e mortas por outras. Devemos fazer mais do que isso se acreditamos em ver um mundo em que a libertação animal é uma realidade.

---

## **Mordida 2: Veganismo enquadra o debate dos direitos animais à favor de nossos oponentes.**

*A justiça de alguém é a injustiça de outrem; a beleza de alguém é a feiura de outrem; a sabedoria de alguém é a bobagem de outrem.*

– Ralph Waldo Emerson, Essays, 1841

No debate recente sobre a proibição de foie gras em Chicago, os opositores da proibição, incluindo o prefeito Richard Daley, focaram em como a proibição violou as “escolhas” dos consumidores. Enquadrada dessa forma, a posição de Daley faz total sentido: por que nós, em uma sociedade liberal, deveríamos nos importar com o que os outros colocam em suas bocas? Em contraposição, os apoiadores da medida focaram na “brutalidade” inerente da alimentação forçada. E quando confrontados com imagens das condições de aperto e alimentação à força sangrenta, 80% da população aprovaram a proibição[8]. Em um nível significativo, então, a batalha sobre o foie gras era uma batalha sobre enquadramento[9] – devemos focar na bobagem de interferir com

as “escolhas de dieta”[10], ou na “brutalidade” das fazendas industriais e alimentação forçada?[11]

O mesmo ponto, entretanto, pode ser feito em relação à luta por direitos animais de forma generalizada. Esse é um movimento sobre escolha e dietas, ou sobre crueldade e violência? Quando analisamos como as mensagens “torne-se vegano” enquadra o debate dos direitos animais, nós percebemos como estamos a jogá-lo nas mãos dos nossos oponentes. O conceito de veganismo foca necessariamente no *humano* que *escolhe* um estilo de vida específico. Esse estilo de vida pode ser baseado em princípios éticos, sem dúvida. Mas o enquadramento foi definido – o debate é sobre escolhas e interesses humanos, ao invés dos direitos animais e brutalidade. A resposta comum e desdenhosa que recebemos fazendo divulgação – “Mas eu gosto de comer carne” – é produto direto desse enquadramento. “Eu gosto de comer carne” é uma resposta plausível se a nossa mensagem é “Mude sua dieta”; é significativamente mais eficiente quando a nossa mensagem é “Pare de matar animais”.

---

### **Mordida 3: Veganismo confunde uma mensagem potencialmente forte.**

*Nós simplesmente trazemos à superfície a tensão escondida que já está viva. Nós a mostramos abertamente, onde pode ser vista e lidada. Como uma pústula que nunca será curada enquanto estiver coberta mas precisa ser aberta com sua feiura às medicinas naturais do ar e da luz, a injustiça precisa ser exposta, com todas as tensões que criar, à luz da consciência humana e ao ar da opinião pública antes de poder ser curada.*

– Martin Luther King respondendo à “moderados”, Carta de uma prisão de Birmingham, 1963.

Uma resposta à questão de enquadramento é dizer que não há necessidade do veganismo ser enquadrado como uma escolha dietética humana, se o tensionarmos como um princípio moral ao invés de uma escolha pessoal de estilo de vida. Mas isso simplesmente traz outra questão do veganismo à vista: o conceito é confuso inerentemente. “Veganismo” possui um número absurdo de definições e motivações.

Embora a razão original do veganismo envolvesse compaixão pelos animais (mas, claramente, *não* igualdade ou justiça), foi concebido como uma dieta ao invés de um princípio político[12]. O veganismo atual mantém o foco dietético, mas acrescentou tantas elocubrações quanto veganos. Dentro do espéctro vegano, há veganos ambientalistas[13], veganos saudáveis[14], veganos freegans[15], veganos pro-especismo[16], veganos “quando conveniente”[17], e veganos compassivos[18]. Essa miscelânea de princípios e motivações faz a “mensagem vegana” totalmente incoerente.

A pior forma de confusão, contudo, ocorre quando o veganismo torna-se seu próprio fundamento. Diversos defensores declarados dos direitos animais vivem sua vida cotidiana com uma lista de ingrediente “proibidos”, mas falham em internalizar adequadamente os motivos pelos quais esses ingredientes deveriam

ser proibidos em início de conversa. Quando perguntados o porquê de rejeitarem o queijo, por exemplo, simplesmente dizem “porque eu sou vegano”.

Ao fazer isso, falharam com os animais e com o movimento de duas formas. Primeiro, esquivaram-se da oportunidade de apresentar uma mensagem clara e convincente em nome dos animais. Caso o conceito de veganismo fosse eliminado, defensores dos direitos animais perderiam seu reduto retórico (“porque eu sou vegano”), e seriam forçados a apresentar uma mensagem potente, mas mais desafiadora, de injustiça e desigualdade – exemplos “porque matar inocentes é errado”; porque explorar alguém só por ser diferente de nós não é justo”; etc. Sem o veganismo, o foco da conversa mudaria para os animais e suas vidas, ao invés de humanos e suas guloseimas.

Segundo, quando “porque eu sou vegano” torna-se uma resposta habitual e automática, os defensores tiram-se – socialmente, intelectualmente, e emocionalmente – de sua motivação pelo boicote à produtos animais. Eles permitem-se ignorar o fato de que todo pedaço de carne é um assassinato, que todo ovo é uma opressão, e que a seu “estilo de vida vegano” não é uma escolha pessoal, mas um imperativo moral e político. A mensagem passada por seu boicote pessoal torna-se, não apenas confusa, mas sem conteúdo. Eventualmente, podem perder de vista o porquê “tornaram-se veganos” em primeiro lugar a abandonar interamente o movimento. (Para exemplos desse processo, ver aqui[19], aqui[20], e aqui[21], e considere os exemplos de Gwyneth Paltrow[22], Julia Stiles[23], or Nina Planck[24]).

O quão diferente seriam as coisas, se os defensores dos animais explicassem e defendessem diretamente e honestamente seus credos, ao invés de usar a saída de emergência “porque eu sou vegano”.

*Para mais informações sobre a importância da clareza em movimentos de justiça social, veja aqui [não funciona. Acesso em 2023]:*

<https://files.meetup.com/482977/Slippery%20slope%2C%20or%20sticky%20staircase.pdf>

---

#### **Mordida 4: Veganismo sabotagem a formação de comunidades.**

*Generalizam, atiram ao alto, não perturbam o repouso nem ferem a complacência do pecador. ‘colocaram nenhuma diferença entre o sagrado e o profano, nem mostraram diferença entre o sujo e o limpo.’ Então a investigação livre foi suprimida, e um medo universal criado, e a língua do corajoso silenciada, e o sono da morte acelerado sobre a nação.*

– William Lloyd Garrison sobre o abolicionismo dominante da época, *Thoughts on African Colonization*, 1832

Mas e quanto à formação de comunidades? Mesmo que o veganismo enquadre mal o debate, e confunda a mensagem dos direitos animais, talvez tenha algum valor no longo prazo para formar comunidades dos direitos animais. Depois dessas comunidades dietéticas desenvolverem, pode-se argumentar, então ativistas terão a convicção de lutar pelos animais com uma base fundamentada em princípios.

O primeiro problema com esse argumento é que o veganismo não forma uma comunidade dos direitos animais; ele enfraquece ao destruir qualquer identidade coletiva coerente. Pesquisa sociológica desmonstrou que compromissos ideológicos ambíguos e conflitantes são uma receita para a erosão em um movimento[25]. E embora um “vegano por direitos animais” tenha quase o mesmo em comum com um “vegano por saúde” quanto com um devoto da dieta Atkins, ambas são incluídas na “comunidade vegana”. Isso causa um curto-circuito no processo de reforço social e formação de identidade que são necessários para inspirar minorias a oporem-se vigorosamente contra maiorias poderosas. De fato, pesquisa sociológica sugere que *todo* não defensor dos direitos animais com quem temos laços pessoais fortes, está piorando o andar do movimento[26]. Formar uma comunidade de pessoas que gostam de bolinhos veganos, em suma, apenas nos inspirará a fazer mais bolinhos veganos.

Mesmo entre aqueles que têm alguma noção de ética animal, o veganismo obscurece as diferenças fundamentais. Um vegano o qual abstem-se de animais por “compaixão”, por exemplo, adotou um conjunto de crenças políticas diferente de um ativista dos direitos animais. A “compaixão” é um sentimento pessoal que, por motivos cognitivos, não pode se sustentar para além de poucas pessoas imediatamente à nossa volta. (Cientistas sociais determinaram que os humanos possuem um máximo de 150 relações sociais genuínas.[27]). Ativistas dos direitos civis [dos EUA] não imploravam aos racistas por compaixão justamente *porque* eles viam a segregação como uma afronta fundamental à justiça, não uma simples falta de bondade. Entretanto a grande maioria de veganos apoiam, na melhor das hipóteses, a compaixão por escravos não humanos[28] – não igualdade ou justiça. Tendo isso como base, como é que uma comunidade vegana pode ser transformada em um movimento por justiça social?

Mas vamos supor, contrário ao fato, que ela pode ser. Ainda nos mantém com um segundo problema: o veganismo com uma formação de comunidade é um experimento fracassado. A defesa por vegetarianismo existe há milhares de anos, e em organizações formais nos EUA, desde a metade do século 19. Entretanto a melhor evidência mostra que a porcentagem de vegetarianos nos EUA manteve-se imóvel por décadas[29], e tem diminuído recentemente em algumas áreas da Europa[30]. Embora focar na comunidade vegetariana ou vegana, ao contrário da comunidade dos direitos animais, pode maximizar nossos números momento no tempo, clubes dietéticos nunca engatilharam o *crescimento* expressivo necessário para um movimento de justiça social se firmar.

Em contraste, comunidades organizadas em torno de um sistema de crença justo, e contra um adversário social e político comum, pode experimentar um crescimento explosivo. William Lloyd Garrison publicou a primeira edição de *The Liberator* [O Libertador] com o apoio de poucos assinantes pretos em 1831[31]. E embora sua condenação aos que apoiavam a escravidão foi ignorada ou ridicularizada por aqueles na corrente principal (historiador vencedor de prêmios Henry Mayer escreve que outros na comunidade de principal corrente anti-escravidão achou o ativismo de Garrison “estridente, esquisito e contra-produtivo”[32]), a potência e integridade de sua mensagem atraiu uma comunidade de ativistas pequena, mas de princípios – uma comunidade

resistente à erosão social. Dentro de uma década, mais de mil sociedades abolicionistas formaram-se pelos EUA[33]; em 1865 a escravidão havia acabado.

A mensagem dos direitos animais não é menos atraente que o pedido de Garrison para acabar com a escravidão humana. E ela também pode apresentar um crescimento explosivo, porém somente se ativistas tiverem convicção o suficiente para defender os não humanos escravizados tão vigorosamente e consistentemente quanto Garrison defendeu humanos escravizados[34].

---

### **Mordida 5: Veganismo ignora nossas contribuições sociais e políticas à opressão das espécies.**

*Nós devemos ser a mudança que queremos ver no mundo.*

– Mahatma Gandhi

O movimento dos direitos animais, como outros movimentos de justiça social, almeja, por fim, po transformação social e política. Entretanto o veganismo, como uma estratégia de movimento, está focado em tomadas de decisão econômicas privadas. Como percebido acima, a redução na demanda não traz impacto direto na matança ou sofrimento animal. Então, se o veganismo possui algum valor ao movimento, deve ser por conta das declarações sociais e políticas que propaga, não por conta de suas consequências econômicas insignificantes.

Mas se admitirmos que o veganismo apenas por seus efeitos políticos e sociais, então por que não focar a atenção do movimento em *todas* as nossas escolhas sociais e políticas, ao invés de somente das que afetam nossas dietas? Escolhas de diéta e de consumo, afinal, formam uma parte minúscula das nossas condutas sociais. E o consumismo é um método complicado para transmitir uma mensagem política; uma dieta sem carne não implica defender o direito dos animais necessariamente, tanto quanto uma dieta sem glúten implica defender os direitos do trigo.

Um defensor do veganismo pode dizer que eu ignorei uma dimensão política importante do veganismo; é um boicote, e não somente um estilo de vida de consumidor. O veganismo, nessa visão, é um posicionamento de nossa recusa em apoiar indústrias opressivas.

Há dois problemas com esse ponto de vista. Primeiro, lembrando das questões levantadas nas partes 3 e 4: a natureza confusa da mensagem vegana, e a incoerência da comunidade vegana. Um boicote composto por indivíduos os quais não fazem ideia do quê estão boicotando, e os quais não conseguem transformar ou não transformarão seu boicote em uma demanda pública coerente e coletiva, não é muito bem um boicote.

Segundo e mais importante, a recusa de condenar a exploração animal APENAS na nossa dieta, deixa muito espaço para anuência em nossas outras condutas sociais. Por exemplo, a demonstração que damos ao ao comer alegremente onde animais encontram-se mutilados e mortos ao nosso redor é muito mais problemático, de um ponto de vista dos direitos animais, do que consumir laticínios ou ovos na privacidade de nossos lares. Poucos ficarão convencidos de que cada um dos indivíduos desfavorecidos colocados em um prato de

janta é uma vítima de assassinato, quando defensores dos direitos animais auto-declarados riem e jantam indiferentemente enquanto os corpos torturados das vítimas são rasgadas em pedaços. Consumir laticínios de forma privada em casa, em contrapartida, praticamente não tem efeito social algum; de fato, até mesmo se houver a presença de outros, a maioria das pessoas nem associa laticínios com a morte de um animal. Entretanto o veganismo condena perversamente a última situação, e nada diz sobre a primeira.

Em outros contextos de ativismo, nós percebemos claramente que rejeitar produtos exploratórios não é o suficiente; nós também rejeitamos práticas, princípios, e pessoas exploratórios. Uma ativista dos direitos das mulheres não seria levada a sério se conversasse gentilmente com seus amigos que estupraram e batem em suas esposas. Uma ativista dos direitos gays não sustentaria uma credibilidade se ela negasse a homofobia em abstrato, mas recusa-se dizer uma palavra por direitos gays quando pessoas a sua volta ridicularizam a homossexualidade como um desvio ou criminalidade. Um ativista dos direitos civis falharia invariavelmente em começar um debate sério sobre racismo se ela própria recusasse enfrentar quem torturou e matou pessoas pretas com algo mais do que apelos amigáveis.

Quando comparamos o movimento dos direitos animais com o ativismo dos direitos humanos, em suma, começamos a perceber as inúmeras formas com que estamos reforçando a cultura de opressão das espécies no nosso dia a dia. Deveríamos usar uma linguagem como carne bovina ou carne suína [do original *beef* ou *pork*], ou deveríamos ficar estarecidos com palavras que significam o detrimento, tortura, e assassinato? Deveríamos ter amigos que apoiam a matança de indivíduos inocentes, ou deveríamos estar do lado das vítimas contra quem os brutaliza? Deveríamos ser sempre alegres, pacientes, e compreensivos quando falamos sobre o sofrimento profundo dos nossos irmãos, ou deveríamos demandar o fim imediato do Holocausto animal e forçar um confronto de crenças?

As respostas para essas perguntas não são tão óbvias quanto vários de nós pensamos a primeiro momento. Independentemente do que concluirmos sobre os pormenores, o ponto geral é que não são principalmente nossas dietas que foram distorcidas por nossa cultura especista, mas nossas crenças sociais e políticas. E ao invés de defendermos os animais como consumidores, precisamos defendê-los na *totalidade* das nossas vidas sociais e políticas.

Em resumo, precisamos parar de tratar os direitos animais como uma preferência pessoal, e mais como um movimento social e político. Precisamos entender que todo ato omisso de anuência, os quais racionalizamos como questão de “conveniência”, “decôro”, ou “construção de pontes”, é uma traição a cada animal cujos corpos brutalmente torturados estão berrando para que os defendamos. E o mais importante, precisamos falar e agir com a urgência política e a clareza retórica que seriam o resultado natural caso *nós* fossemos aqueles cujas cabeças estivessem no bloco de corte.

Até que façamos isso, *ninguém* – nem outros ativistas – levarão essa causa com seriedade, e até mesmo auto-proclamados progressistas [*progressits* – no contexto dos EUA] continuarão a responder à nossa mensagem com risadas e zombaria[35].

Gandhi desafiou seus parceiros ativistas a oferecer suas vidas e corpos para resistir contra aqueles que machucariam inocentes. Talvez ainda não tenhamos a coragem de Gandhi para mantermos-nos decididamente entre um opressor e sua vítima, para tomarmos a lâmina ou a pistola no lugar de nossos amigos não humanos. Mas a coragem vem em passos curtos – a para o movimento dos direitos animais, o primeiro passo é oferecer algumas palavras em nome de um pobre cordeiro, quando seu corpo torturado é feito em pedaços bem na nossa frente.

*Para mais informações sobre nossas contribuições sociais e políticas à infraestrutura de abuso animal, veja [Endereço duplicado e não encontrado. Acesso em 2023]:*

<https://files.meetup.com/482977/Social%20and%20Political%20Veganism%20Part%201.pdf>

---

### **Mordida 6: Veganismo como justiça social não possui evidência, nem teoria.**

*Estou ciente de que muitos contestam a seriedade de minha linguagem; mas não há causa para seriedade? Serei tão duro quanto a verdade, e tão intransigente quanto a justiça.*

– William Lloyd Garrison, editorial inaugural de *The Liberator* (1831)

Porém, todas as minhas alegações anteriores seriam irrelevantes se pudéssemos identificar alguma base factual ou teórica para o papel central do veganismo no movimento de direitos animais. E podemos?

De forma concreta, já existiu algum movimento de justiça social que foi precedido por um movimento de consumo em massa? Ativistas anti-escravidão pediram às pessoas para boicotar algodão e tabaco, com a esperança de que um movimento anti-escravidão vigoroso brotaria de um “consumo sem algodão”? Ativistas dos direitos civis criaram uma economia paralela de “alternativas sem segregação”?, e esperavam que as decisões de compra das pessoas as tensionaria para a militância da igualdade racial? Ativistas dos direitos gays concentraram suas atenções na promoção de produtos gays, e esperavam que isso levaria ao fim das instituições e ideias homofóbicas de alguma forma?

Ou, em todos esses cenários, a ação consumidora foi uma preocupação terciária – útil talvez como parte de uma campanha específica, e nunca como elemento central da estratégia do movimento?

O paralelo histórico mais próximo ao veganismo, em movimentos de justiça social anteriores, é o programa fracassado de “colonização Africana” do movimento anti-escravidão do início do século XIX. Colonizacionistas sugeriram que o problema com a escravidão era simplesmente que indivíduos pró-escravidão não tinham “boas alternativas” à escravidão. Então, eles se recusaram a culpar alguém pela brutalidade da escravidão; foi descrita como um problema institucional, cultura, e sistêmico ao invés de um crime *individual*. A colonização de pretos para a África, combinado com sua reposição com trabalho livre, foi pensado como uma solução ao problema. Ao reduzir

a população preta da América, providenciando um substituto para o seu trabalho, e mostrando aos brancos que uma sociedade sem escravos não levaria ao caos, colonizacionistas afirmaram que a “instituição peculiar” desapareceria gradualmente.

Na verdade, agora a colonização é vista corretamente como um movimento corrupto, racista, e moralmente falido, que foi, se muito, um *obstáculo* fundamental à libertação verdadeira dos escravizados[36]. Ao concentrar atenções nas “alternativas”, a colonização simplesmente distraia atenção da injustiça inerente da escravidão. Ao denunciar a escravidão apenas como um problema institucional, conseguiu minar qualquer tentativa de responsabilizar os indivíduos. E ao relembrar incessantemente ativistas de que a libertação da escravidão viria somente “gradualmente”, a colonização esvaziou qualquer tentativa de construir um movimento mais vigoroso e de princípios. De fato, até que ativistas “imediatistas” como William Lloyd Garrison e Frederick Douglass propuseram-se explicitamente a destruir o movimento de colonização, e atacarem o programa colonizacionista de despovoamento como racista e fútil, a anti-escravidão permanecia presa constantemente de forma neutra, ou pior[37].

Os paralelos entre a colonização e o veganismo são impressionantes. O veganismo põe-se a favor da libertação animal. O veganismo promove o despovoamento das vítimas como solução aos seus abates e sofrimentos. O veganismo propõe alternativas sem crueldade àqueles que desejam evitar violência “gratuita”. O veganismo fala sem parar sobre as instituições e sistemas que brutalizam os animais, enquanto ignora os indivíduos os quais perpetuam essas instituições e sistemas. O veganismo nos adverte constantemente para sermos amigáveis, pacientes, e compreensíveis com aqueles que escravizam e torturam nossos amigos animais, porque a libertação virá somente “gradualmente” e apenas quando os tiranos perceberem a “conveniência” de encerrar sua opressão. E sem surpresas, como a colonização, o veganismo fracassou.

Mesmo que não ache essa analogia histórica convincente, além disso, temos evidência factual poderosa bem à nossa frente com o caso da Índia, onde 70% dos vegetarianos do mundo vivem atualmente, e onde encontra-se cidades inteiras formadas por vegetarianos éticos[38]. Caso os direitos animais podem avançar através de um movimento dietético e comunidades, nós esperaríamos que a Índia estaria na vanguarda dos direitos animais. Na verdade, o consumo de carne animal per capita tem crescido continuamente na Índia (crescimento de aproximadamente 40% nos últimos 20 anos), assim como no resto do mundo[39]. E como indianos são expostos a diferentes culturas e tradições dietéticas, estão abandonando suas dietas vegetarianas dando preferência a estilos de vida mais “modernos”[40].

Pode ser que alguns achem esses exemplos e anedotas irrelevantes. Argumento empírico possui menos valor, afinal, ao falarmos de um assunto tão complexo quanto transformação social. E pode ser o caso de que haja diferenças factuais significativas entre os movimentos dos direitos animais, e movimentos de justiça social anteriores, que justifique a importância estratégica da ação consumidora para a libertação animal. Então, existem razões teóricas para nós endossarmos o veganismo como uma estratégia de movimento?

Uma distinção comum feita pelas pessoas é a de que a opressão animal é mais pervasiva do que a opressão combatida por ativistas anteriores, e que precisamos, portanto, de um “trampolim” vegano para que a sociedade chegue à plataforma dos direitos animais. Essa é uma afirmação curiosa, dado que tanto a escravidão quanto a segregação impactaram diretamente uma porção muito maior da economia do que a opressão animal, e tiveram muito mais importância aos sistemas sociais e políticos de seus tempos[41]. Além disso, mesmo que a opressão animal *seja* mais pervasiva, ela não é tão enraizada. Ou seja, há relativamente poucas pessoas cujos meios de vida e identidades dependem completamente de oprimir animais. E pesquisa em ciência social indica que isso deveria tornar o movimento dos direitos animais um movimento mais *fácil* do que, por exemplo, anti-escravidão[42]. É muito mais difícil opor-se à um interesse político estreito e intenso do que um difuso, mas fraco.

Outra afirmação é a de que o veganismo é necessário pois ninguém se juntará ao nosso movimento, enquanto seus hábitos de consumo forem inconsistentes com dos direitos animais. A primeira coisa a considerar sobre essa afirmação é a de que humanos raramente são, quando muito, consistentes e racionais. Daniel Kahneman ganhou um Prêmio Nobel, por exemplo, por seu trabalho em expor as contradições e vieses generalizados nas tomadas de decisões humanas[43]. A segunda coisa a dizer é que o *próprio veganismo* é repleto de contradições. Lembrando, novamente, que a exploração animal permeia nossa economia por completo. Instalações agrícolas, produção de energia, e produção de produtos de consumo vegano envolvem violência massiva contra animais. Terceito e último, mesmo que as condutas que descrevemos como veganismo sejam necessárias para um ativismo efetivo, por motivos de consistência, isso não significa de jeito algum que deveríamos empenharmos por essas condutas como o objetivo central. Nosso objetivo primordial deveria ser defendermos os animais, não alcançar as condições de condutas necessárias para a defesa dos animais. Um movimento que concentra-se simplesmente em “precondições” nunca chegará ao seu objetivo final.

Poderíamos continuar sem parar ao analisar racionalizações para o movimento vegano. Mas o ponto principal é que um defensor do veganismo ter *algum* entendimento de como a ação consumidora pode nos levar à libertação animal. Quando alguém vasculha a literatura sobre movimentos sociais – desde comentários materialistas de privação relativa[44] a política identitária construtivista da nova teoria de movimentos sociais[45] – é incrivelmente difícil encontrar qualquer modelo conceitual que encaixaria a estratégia do consumismo vegano em suas dinâmicas. Ao contrário, apesar de suas diversas diferenças, teorias de movimento social existentes quase sempre incluem um conjunto de elementos em comum:

- Uma visão do mundo claramente diferente da que existe atualmente.
- Estágios iniciais de formação de comunidade e socialização por trás dessa visão.
- Sentimentos crescentes de queixas, e radicalização subsequente, interno à comunidade do movimento.
- Confrontação direta e polarizadora com opositores hegemônicos de visão coletiva.
- Efeito cascata ideológico que leva à revogação das normas morais e legais

anteriores.

O veganismo, longe de encaixar-se em qualquer um desses elementos, ativamente os sabota. Em contrapartida, que lê-se sobre os direitos gays[46], o sufrágio feminino[47], anti-escravidão[48], ou direitos civis[49], nós vemos indivíduos posicionando-se firmemente separados da hegemonia exporadora, e tornando-se cada vez mais incisivos e intransigentes e sua recusa da injustiça e opressão. Isso, e não a “construção de pontes”, “compaixão”, ou “compreensão” da defesa vegana, é o elemento constituinte dos movimentos sociais.

---

### Sobremesa e Café

*O arco do universo moral é longo mas se curva para a justiça.*

– Martin Luther King, Jr., Décimo Aniversário da SCLC, 1967

É hora de terminar nossa refeição. Para resumir, o veganismo, longe de ajudar os animais, é um grande problema para o movimento dos direitos animais. Se queremos defender os animais, então deveríamos parar de nos chamarmos veganos; parar de pedir que outros tornem-se veganos; e até parar de usar a palavra vegano. Quando perguntados, deveríamos declarar que nossa luta é por igualdade, justiça, e liberdade – não por uma dieta vegetal.

Muito do que está escrito aqui é desafiador. E você provavelmente vai rejeitar boa parte, se for o típico defensor dos direitos animais. A minha esperança, entretanto, é que mesmo que você ache essas ideias estridentes e abrasivas, você buscará aprender mais – para testar suas intuições contra o escrutínio factual e conceitual.

E se fizer isso, eu o aconselharia a esquecer tudo o que sabe sobre o movimento dos direitos animais, e no lugar aprender com o expemplo de movimentos mais bem-sucedidos. A campanha por libertação animal está no apoio à vida. A quantidade de ativistas animais não está crescendo; o consumo de carne animal per capita aumenta ano a ano; jeitos novos e grotescos de abusar animais são descobertos sem nenhuma consideração pelos animais; e as organizações por “direitos animais” mais proeminentes (como a PETA) são apoiadoras descaradas da matança de animais inocentes[50]. Esses não são os sinais de um movimento pujante. E se você não levar alguma coisa desse artigo, pelo menos use-o como um gatilho para pesquisas futuras de movimentos de justiça social *bem-sucedidas*. A vida de um único animal inocente justificaria muito mais do que isso.

Ao analisar com mais cuidado a história e a lógica de movimentos sociais bem-sucedidos, entretanto... Ao ler sobre a virada imediatista no movimento anti-escravidão nos anos 1830, catalizada pela condenação firme da escravidão em 1831; a radicalidade dos ativistas dos direitos civis, engatilhada pelo ato de uma moça corajosa em 1955; a militância dos ativistas dos direitos gays no início dos anos 70, inspirados pela Rebelião de Stonewall em 1969, uma visão comum aparecerá da nevoa intelectual – uma visão de justiça e confronto, não uma de compaixão e consumismo.

Precisamos formar uma comunidade e um movimento que pegue o bastão desses ativistas corajosos da história e perseguir uma visão de justiça social. Estou

confiante de que você concordará, se procurar com mais cuidado ao progresso que eles conseguiram, e comparar com a futilidade relativa do movimento moderno dos direitos animais. E quando o fizer, estou tão confiante quanto, que você, assim como eu, boicotará o veganismo.

*Como deve ser nosso movimento, se não for centrado no veganismo? Veja o artigo, “Por que protestamos” [Why we protest] na seção de arquivos da página da Coalition for Animal Rights [Coalizão por Direitos Animais]:*

<https://www.tinyurl.com/chicagocoalition>

[ou <https://groups.google.com/g/coalition-for-animal-rights>]

---

## Notas

### Introdução

[1] [Endereço original não encontrado. Acesso em 2023. Atualizado por <https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,991250,00.html>].

[2] <https://www.animal-rights-library.com/texts-m/singer03.htm>

[3] Por exemplo, ver aqui:

[https://www.goveg.com/effectiveAdvocacy\\_personal.asp](https://www.goveg.com/effectiveAdvocacy_personal.asp)

### Mordida 1: Veganismo não salva vidas, nem reduz o sofrimento.

[4] [https://www.animalaid.org.uk/h/n/NEWS/pr\\_factory/ALL/217](https://www.animalaid.org.uk/h/n/NEWS/pr_factory/ALL/217)

[5] A quantidade de produção reduzida depende do que economistas chamam de “elasticidade de oferta”. Se a oferta é extremamente inelástica, por exemplo, por conta de altos custos irrecuperáveis, então pode ser que não caia muito, se cair.

[6] Usarei uma história pessoal para ajudar a ilustrar o problema. Uma de nossas amigas de família, quando eu estava crescendo, era uma menina com um distúrbio neurológico severo chamado esclerose múltipla. Ela esteve em uma cadeira de rodas desde a infância, e mal consegue mexer os braços. Ela está presa na jaula do próprio corpo, e o sofrimento tornou-se parte de sua vida. Ela é hospitalizada periodicamente – qualquer tipo de infecção do dia a dia pode induzir a uma parada respiratória ou cardíaca, por ter uma saúde tão frágil. Eu lembro de visitar minha amiga enquanto criança, quando ela estava ligada a um respirador. Ela não conseguia fazer nada além de abrir os olhos e acenar com a cabeça. Eu fiquei inundado de tristeza, medo, e pena depois, e perguntei aos meus pais por que Deus faria algo tão terrível à uma menina tão bela e inocente. (Eu fui criado um Cristão Evangélico).

Ainda assim, mesmo com seu sofrimento profundo, minha amiga vive uma vida significativa – e uma muito mais longa do que médicos anteciparam. (Agora ela está nos seus 30 anos). E em momento algum alguém sugeriu que ela ficaria melhor morta, ou que o mundo seria um lugar melhor se ela não tivesse existido. Longe disso, apesar de suas deficiências e sofrimento, sua vida é valiosa. Ela pode conversar com as pessoas, quando não está mal; ela tem desejos e

consciência; e ela espera e sonha com uma cura antes da doença tomar sua vida. Sua vida vale ser vivida, apesar de sua deficiência profunda.

O ponto que estou tentando fazer é que uma vida sofrida não é sem valor. Há coisas boas que vêm com a vida, assim como as ruins, para todos nós. E para nós dizermos que a vida de outrem é insignificante, (muito menos pior para o mundo!) porque envolve muita dor e desconforto, é uma afronta à dignidade e autonomia individual dessa pessoa.

Devemos dizer o mesmo para pessoas animais não-humanas. Sim, eles podem sofrer e morrer, se nasceram em fazendas industriais. Mas nós não podemos dizer que o mundo seria um lugar melhor sem eles, pelo mesmo motivo de não podermos dizer que o mundo seria melhor sem minha amiga com EM. Todo humano com EM, e todo leitão numa fazenda industrial, é um indivíduo inestimável, que possui o mesmo direito de existir, e à abundância deste mundo, como o resto de nós.

Isso não quer dizer que nós não devemos lutar para cessar o terror, exploração, e injustiça – vindo de fontes naturais ou políticas. Nós devemos absolutamente fazer tudo o que podemos para ter a certeza de que toda menina que sofre com EM, e todo leitão indivíduo em uma fazenda industrial, um dia possa correr livre e feliz. Mas é uma afronta fundamental aos seus direitos e dignidade como indivíduos, para nós dizermos que estamos a salvá-los ao garantir que eles não existam.

[7] Ver “Climate Change and Animals,” Hsiung e Sunstein.

### **Mordida 2: Veganismo enquadra o debate dos direitos animais à favor de nossos oponentes.**

[8] <https://www.nofoiogras.org/zogby.html>

[9] [https://en.wikipedia.org/wiki/Framing\\_\(social\\_sciences\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Framing_(social_sciences))

[10] [https://findarticles.com/p/articles/mi\\_qn4155/is\\_20060915/ai\\_n16739073](https://findarticles.com/p/articles/mi_qn4155/is_20060915/ai_n16739073)

[11] <https://www.chicagotribune.com/news/local/southsouthwest/chi-0510260246oct26,1,463405.s>

### **Mordida 3: Veganismo confunde um mensagem potencialmente forte.**

[14] <https://www.vegfamily.com/forums/showthread.php?t=666>

[15] <https://freegan.info/>

[16] <https://vegan.meetup.com/11/messages/boards/view/viewthread?thread=3295339#10082095>

[17] <https://www.satyamag.com/oct06/singer.html>

[18] <https://www.satyamag.com/mar04/bauston.html>

[19] <https://www.foodandwine.com/articles/why-vegetarians-are-eating-meat>

[20] <https://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A50147-2005Mar19.html>

[21] <https://vegan.meetup.com/11/messages/boards/view/viewthread?thread=3390611>

[22] <https://europe.real.com/guide/bang/2/9268.html>

[23] <https://www.veggieboards.com/boards/showthread.php?t=13473>

[24] [https://www.ninaplanck.com/index.php?article=vegan\\_babies](https://www.ninaplanck.com/index.php?article=vegan_babies)

#### **Mordida 4: Veganismo sabota a formação de comunidades.**

[25] Em um estudo do movimento pacifista holandês, Klanderman encontrou que “identidades coletivas variadas, representadas por afiliações organizacionais diversas, previam o afastamento de participantes do movimento.” (reportado em Nelson Pichardo, *New Social Movements*, *Annual Review of Sociology*.)

[26] Professor de Standford, Douglas McAdam foi um dos primeiros a demonstrar empiricamente o efeito de laços sociais, tanto positivo quanto negativo, no ativismo. Ver *Specifying the Relationship Between Social Ties and Activism*. Vários outros acadêmicos seguiram seu exemplo em analisar o papel das redes sociais [interpessoalidades] em explicar percepção diferenciada em movimentos sociais entre apoiadores declarados. Ver, por exemplo: *Social Networks and Individual Perceptions: Explaining Differential Participation in Social Movements*.

[Os endereços da referência 26 estavam desatualizados e foram trocados pelo título das pesquisas citadas.]

[27] [Endereço atualizado acessado em 2023]

<https://dangerousintersection.org/2006/06/27/how-many-friendsacquaintances-can-i-have/>

[28] Por exemplo, ver [Página não encontrada. Acesso em 2023]:

<https://www.veganoutreach.org/enewsletter/20050420.html>

[29] Ver *Vegetarianism: Movement or Moment?*, pp. 14-18. [Página não encontrada. Acesso em 2023]

[https://www.temple.edu/tempresstitles/1542\\_reg.html](https://www.temple.edu/tempresstitles/1542_reg.html)

[30] [Endereço não encontrado. Acesso em 2023]

<https://www.telegraph.co.uk/news/main.jhtml?xml=%2Fnews%2F2003%2F07%2F09%2Fnveg09.xml>

[31] Ver

[https://en.wikipedia.org/wiki/William\\_Lloyd\\_Garrison](https://en.wikipedia.org/wiki/William_Lloyd_Garrison)

Garrison escreveu em seu editorial inaugural:

Estou ciente de que muitos contestam a seriedade de minha linguagem; mas não há causa para seriedade? Serei tão duro quanto a verdade, e tão intransigente quanto a justiça. Sobre esse assunto, eu não desejo pensar, ou falar, ou escrever, com moderação. Não! Não! Diga a um homem cuja casa está em chamas para dar um alarme moderado; diga a ele para salvar moderadamente sua esposa das mãos de um invasor; diga à mãe para retirar gradualmente seu bebê do fogo no qual ele caiu; – mas não me peça para usar moderação em uma causa como a presente. Eu estou determinado – eu não vou tergiversar – eu não vou desculpar – eu não vou recuar um dedo – E EU SEREI OUVIDO. A apatia das pessoas é

suficiente para fazer toda estátua pular de seu pedestal, e apressar a ressurreição dos mortos.

É fingimento, que estou atrasando a causa da emancipação pela grosseria de minha invectiva e pela pressa de minhas medidas. A acusação não é verdadeira. Nesta questão de minha influência, – humilde como é, – é sentida neste momento a um grau considerado, e deve de ser sentida nos próximos anos – não perniciosamente, mas beneficentemente – não como uma praga, mas como uma benção; e a posteridade dará testemunho de que eu estava certo. Eu quero agradecer a Deus, por ele permitir-me desconsiderar “o temor dos homens os quais armam um laço,” e falar a verdade em sua simplicidade e poder.

[32] All on Fire, Mayer, p. xiv.

[33] Ver, por exemplo, Of One Blood: Abolitionism and the Origins of Racial Equality. O trecho relevante está aqui [Endereço não encontrado. Acesso em 2023]:

[https://files.meetup.com/482977/Social\\_Sources\\_of\\_a\\_Mass\\_Movement.pdf](https://files.meetup.com/482977/Social_Sources_of_a_Mass_Movement.pdf)

[34] Para ver como a justiça de uma causa influencia seu crescimento e efetividade, ver o artigo do filósofo político Joshua Cohen, The Arc of the Moral Universe. [Endereço redirecionado. Acesso em 2023]

[https://web.mit.edu/polisci/research/cohen/the\\_arc\\_of\\_the\\_moral\\_universe.pdf](https://web.mit.edu/polisci/research/cohen/the_arc_of_the_moral_universe.pdf)

#### **Mordida 5: Veganismo ignora nossas contribuições sociais e políticas à opressão das espécies.**

[35] [Vídeo privado. Acessível apenas com autorização de quem publicou. Acesso em 2023]

<https://www.youtube.com/watch?v=Dn-wTQLniYg>

#### **Mordida 6: Veganismo como justiça social não possui evidência, nem teoria.**

[36] Ver, por exemplo, Of One Blood: Abolitionism and the Origins of Racial Equality, Goodman, UC Berkeley Press. [Associado ao seguinte endereço, aparentemente duplicado do seguinte.]

[https://www.pbs.org/thisfarbyfaith/people/frederick\\_douglass.html](https://www.pbs.org/thisfarbyfaith/people/frederick_douglass.html)

[37] Para uma acusação forte da colonização, ver Thoughts on African Colonization, de William Lloyd Garrison, disponível em <http://utc.iath.virginia.edu/abolitn/abeswlg>. Sobre Frederick Douglass, ver [https://www.pbs.org/thisfarbyfaith/people/frederick\\_douglass.html](https://www.pbs.org/thisfarbyfaith/people/frederick_douglass.html) e <http://www.iath.virginia.edu/utc/abolitn/abar03at.html>.

[38] [Em branco]

[39] [Endereço original não encontrado. Acesso em 2023. Atualizado por um arquivado do Internet Archive]

[40] Dois colegas meus da faculdade, por exemplo, tiveram uma criação vegetariana na Índia, mas rapidamente incluíram carne às suas dietas quando vieram ao Ocidente. Quando eu tentei falar sobre veganismo e direitos animais para eles, nenhum pareceu interessado. “Aqui é uma cultura diferente”, um disse. “Eu descobri que gosto de comer carne”, o outro disse. Nenhum deles era estúpido. Ao contrário, ambos eram brilhantes, progressistas, e de mente aberta. Eles sabiam exatamente como os animais eram produzidos nos EUA. Suas dietas na infância simplesmente não eram o motivo suficiente para apoiar os direitos animais. E quando tornou-se inconveniente continuar com a dieta, eles a abandonaram, não por malícia deliberada pelos animais, mas simplesmente por estarem mais focados em suas próprias vidas do que em alguma causa social radical.

[41] Para uma discussão da economia da escravidão por um economista ganhador do Prêmio Nobel, ver *Time and the Cross*, Robert Fogel. Fogel demonstra que, longe de ser retrógrada, a escravidão era um sistema econômico bem avançado produtivo que fornecia vantagens massivas tanto para o Sul quanto para o Norte. Era também um sistema crescente.

[42] Sobre ação coletiva, ver aqui: <https://www.thoughtco.com/the-logic-of-collective-action-11462>

[43] [https://en.wikipedia.org/wiki/Daniel\\_Kahneman](https://en.wikipedia.org/wiki/Daniel_Kahneman)

[44] [Endereço original não encontrado. Acesso em 2023. Atualizado para <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1111/j.1533-8525.1982.tb02218.x>, acessível com autorização.]

[45] [http://en.wikipedia.org/wiki/New\\_social\\_movements](http://en.wikipedia.org/wiki/New_social_movements)

[46] [Endereço não encontrado. Acesso em 2023]

<http://files.meetup.com/160880/Gay%20rights%20movement%20--%20Politics%20of%20Gay%20Rights>

[47] [Endereço original não encontrado. Acesso em 2023. Atualizado por <https://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,991250,00.html>].

[48] [Endereço não encontrado. Acesso em 2023]

[http://files.meetup.com/160880/Antislavery\\_Appeal.pdf](http://files.meetup.com/160880/Antislavery_Appeal.pdf)

[49] Ler as seções sobre direitos civis; pular o resto. [Endereço não encontrado. Acesso em 2023]

<http://files.meetup.com/160880/Lessons%20from%20the%20civil%20rights%20movement.pdf>

### **Sobremesa e Café**

[50] <https://www.nokillnow.com/PETAIngridNewkirkResign.htm>